

DR-RS

TEATRO DE ARENA

GRUPO DE TEATRO INDEPENDENTE

OS FUZIS DA SENHORA CARRAR



B. Brechet

**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

Elenco:

MÃE

JOSÉ

OPERÁRIO

MANUELA

PADRE

FERIDO

SENHORA PÉREZ

1º PESCADOR

2º PESCADOR

MULHERES

CRIANÇAS

SBAT
DIREITOS DE REPRESENTAÇÃO

VISTO Nº _____

PÓRTO ALEGRE, 20 / 8 / 68

PELA SBAT

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

P. A. agosto/1968

Uma noite de abril de 1937, em uma casa de pescadores de Andaluzia. Uma casa com paredes branqueadas. Em um canto um crucifixo preto. Tereza Carrar, uma mulher de 50 anos, está amasando o pão. Seu filho José, de 15 anos, trabalha tecendo ao lado da janela aberta. Escuta-se ao longe o troar de canhões.

MÃE - Ainda se enxerga o barco de João?

JOSÉ - Sim.

MÃE - A lâmpada está acesa?

JOSÉ - Está.

MÃE - Não saiu nenhuma outra embarcação?

JOSÉ - Não.

(Pausa)

MÃE - Porque será que não saiu nenhuma até agora?

JOSÉ - Tu saber porque!

MÃE - (Pacientemente) Se eu te pergunto é porque não sei.

JOSÉ - Não saiu ninguém, além de João. Eles tem mais o que fazer do que ficar pescando.

MÃE - Ah!

(Pausa)

JOSÉ - Nem o João teria saído se dependesse dele.

MÃE - Exatamente. Não depende dele.

JOSÉ - (Retalhando com força) Não.

(A Mãe põe a massa no forno, limpando as mãos e pega uma rede para consertar)

JOSÉ - Estou com fome.

MÃE - Tu não estas de acordo com que teu irmão saia a pescar, não?

JOSÉ - Não, porque eu podia ficar no lugar de João enquanto ele estivesse na frente.

MÃE - Pensei que tu também quisesses ir.

(Pausa)

JOSÉ - Tomara que os barcos com as provisões consigam furar o bloqueio dos ingleses.

MÃE - Esse é o último pão que está no forno, depois não tem mais farinha.

(José fecha a janela)

MÃE - Porque fechaste a janela?

JOSÉ - Porque já são nove horas.

MÃE - E que tem isso?

JOSÉ - Porque às nove horas é que fala aquele miserável e os Perez ligam o rádio.

MÃE - (Pedindo) Abre de novo a janela porque a luz daqui de dentro dá reflexo nos vidros e tu não pode enxergar direito.



**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

JOSÉ - Mas porque eu tenho que ficar aqui sentado cuidando? Fica descansada que ele não vai até o fronte. Disso é que tu tem medo, não é?

MAE - Não seja malcriado. Já me basta tôda uma agonia por causa de vocês.

JOSÉ - O que tu quer dizer com "vocês"?

MAE - Tu não é nada melhor que teu irmão. É ainda pior.

JOSÉ - Esses ligam o rádio só por causa nossa. É a terceira vez. Ontem eu ainda vi quando Eles abriam a janela de propósito.

MAE - Esses discursos são a mesma coisa que os de Valença.

JOSÉ - Por que tu não diz de uma vez que são melhores?

MAE - Tu sabe muito bem que eu não acho melhores. Não tenho porque estar a favor dos generais. O que eu não suporto é derramamento de sangue.

JOSÉ - E quem foi que começou? Fomos nós por acaso?

(A Mãe cala. O jovem abriu novamente a janela. De longe se ouve anunciar: "Atenção! Aqui fala Sua Excia Queipo Del Llano." Logo se ouve forte e cortante a voz habitual do "general do microfone" que dirige seu discurso noturno ao povo espanhol.)

VOZ DO GENERAL - Um dia destes, meus amigos, teremos que falar com v
vocês sèriamente e isso faremos desde Madri, embora ainda o que reste da cidade não tenha mais o aspecto de Madri. O senhor bispo de Canterbury terá então motivos para derramar suas lágrimas de crocodilo. Nossos bravos montos terão muitas contas que ajustar.

JOSÉ - Cachorro!

VOZ DO GENERAL - Meus amigos, o chamado Império Britânico, esse colosso com pés de barro, não poderá impedir a destruição da capital de um povo perverso que se atreve a enfrentar a irresistível reivindicação nacional. Varreremos da face da terra esse vil populacho!

JOSÉ - Esses somos nós, mãe.

MAE - Nós não somos agitadores e nem enfrentamos ninguém. Vocês se governassem, provavelmente fariam isso. Tu e teus irmãos são uns exaltados. Igual que teu pai e até nem me agradaria que vocês fossem diferentes. Mas agora não se trata de brincadeira. Não está ouvindo os canhões? Nós somos pobres e



- cadeira: Não está ouvindo os canhões? Nós somos pobres e os pobres nada ganham com a guerra.

(Batem na porta. Entra o operário Jaqueras, irmão de Tereza. Vê-se que caminhou muito).

OPERÁRIO - Boa noite!

JOSE - Tio Pedro!

MÃE - Que te traz por aqui, Pedro? (Estende-lhe a mão).

JOSE - Vem de Motril, tio Pedro? Como é que está a coisa por lá?

OPERÁRIO - Mais ou menos. E vocês como estão?

MÃE - Vai-se indo.

JOSE - Saiste hoje de lá?

OPERÁRIO - Sim.

JOSE - São quatro horas puxadas, não?

OPERÁRIO - E ainda mais porque as ruas estão cheias de refugiados debandando para Almeria.

JOSE - Mas e Motril, resiste?

OPERÁRIO - Hoje não sei, ainda ontem de noite resistia.

JOSE - E tu porque saiste?

OPERÁRIO - É que precisamos muita coisa lá no fronte. Me lembrei de dar um pulo até aqui para ver como vocês estavam.

MÃE - Queres um copo de vinho? (Serve) Daqui meia hora o pão está pronto.

OPERÁRIO - Onde está João?

JOSE - Pescando.

OPERÁRIO - Verdade?

JOSE - Pode ver a luz do barco daí da janela.

MÃE - É... a gente precisa comer.

OPERÁRIO - Claro. Ai na rua ouvi a voz do General do Microfone. Quem é que escuta aqui?

JOSE - Os da frente, os Perez.

OPERÁRIO - Ligam o rádio para ouvir essas coisas?

JOSE - Não, não é gente de Franco, como tu estas pensando. Eles não tem interesse nisso.

OPERÁRIO - Ah! Não?

MÃE - (A José) Tu ainda está enchergando teu irmão?



JOSÉ - (Voltando de má vontade à janela) Fica descansada que não caiu do barco. (O Operário tendo bebido o copo de vinho, senta-se junto a irmã. Ajuda-a a remendar a rede)

OPERÁRIO - Com quantos anos está o João agora?

MÃE - Vai fazer vinée e um em setembro.

OPERÁRIO - E José?

MÃE - Vieste fazer alguma coisa em particular por aqui?

OPERÁRIO - Nada de especial.

MÃE - Fazia tanto tempo que tu não aparecias.

OPERÁRIO - Dpis anos.

MÃE - Como está Rosa?

OPERÁRIO - Sempre com reumatismo.

MÃE - Esperava que já tivesse vindo me visitar.

OPERÁRIO - Talvez ela tenha ficado um pouco desgostosa por causa do enterro de Carlos. (A Mãe se cala) Achou que tu podias nos ter avisado. Nós teríamos vindo de qualquer maneira para o enterro de teu marido, Tereza.

MÃE - É que aconteceu de repente.

OPERÁRIO - Mas como foi? (A Mãe se cala)

JOSÉ - Uma bala no pulmão.

OPERÁRIO - (Surpreendido) Mas como?

MÃE - De que é que tu te admiras?

OPERÁRIO - Mas Claro! Se a dois anos atraz não havia nada por aqui!

JOSÉ - Mas em Oviedo havia.

OPERÁRIO - E como é que ele foi parar em Oviedo?

MÃE - É... foi.

OPERÁRIO - Daqui?

JOSÉ - Sim, quando os jornais noticiaram a insurreição.

MÃE - (Com amargura) Assim como outros saem a correr mundo porque lhes dá na veneta. Como os desmiolados.

JOSÉ - (Erguendo-se) Tu queres dizer que era um desmiolado? (A Mãe solta a rede com mãos tremulas e sae)



OPERÁRIO - Deve ter sido um golpe brutal para ela.

OSÉ - Foi.

OPERÁRIO - Imagino o que não representou para ela não ter chegado mais a ver o marido.

OSÉ - Ainda viu, ele voltou. Mas isso foi o pior de tudo. Em Astúria as ainda conseguiu pegar um trem. Tinham colocado nele uma atadura debaixo da camisa. Trocou duas vezes de trem e veio morrer na estação. Aqui em casa naquela noite quando nos vimos, entraram as vizinha rezando a Ave Maria como quem carrega um morto afogado. Traziam o corpo numa lona e soltaram ai no chão. Desde isso ela vai a igreja. A professora da escolinha porque sabia que ela era uma vermelha, feixou-lhe a porta na cara.

OPERÁRIO - Mas e agora ela é devota?

OSÉ - (Confirmando) João acha que isso aconteceu porque a vizinhança fala muito dela.

OPERÁRIO - O que é que falava?

OSÉ - Que te foi instigado por ela.

OPERÁRIO - E foi mesmo? (O jovem dá de ombros) Volta a Mãe, olha como está o pão e senta-se novamente junto a rede)

MÃE - (Ao irmão que quer ajuda-la outra vez) Deixa, vai descançar e tomar o teu vinho. Hoje madrugaste. (O Operário retoma o copo e volta para a mesa) Tu vai dormir aqui?

OPERÁRIO - Não, não tenho tempo. Preciso voltar hoje. Vou só me lavar um pouco. (Sai)

MÃE - (Chamando o filho com um gesto) Ele te disse o que é que veio fazer?

OSÉ - Não.

MÃE - Não? (Operário volta com uma bacia e uma toalha. Lava-se) E os velhos Lopez ainda vivem?

OPERÁRIO - So o velho. (A José) Daqui foram muitos ao frente, não?

OSÉ - Ficaram alguns.

OPERÁRIO - De lá também foram muitos católicos.

OSÉ - Daqui também foram alguns.



OPERÁRIO- E todos tinham fuzil?

JOSÉ - Nem todos.

OPERÁRIO - Isto está mal. Os fuzis são agora a coisa mais importante que existe. Mas será que não sobrou nenhum no povoadão?

MÃE - Não.

JOSÉ - Ainda tem alguns, mas estão escondidos. Agora eles estão enter-
rados como se fossem batatas. (A Mãe olha)

OPERÁRIO - Ah! (José se afasta da janela e vai

MÃE - Onde tu vais.

JOSÉ - Em parte alguma.

MÃE - Volta para a janela. (José obstinado permanece no fundo da peça)

OPERÁRIO - O que é que há?

MÃE - Porque saíste da janela? Responde!

OPERÁRIO - Tem alguém aí fora?

JOSÉ - (Surdamente) Não. (Ouve-se do lado de fora vozes de criança que gritam)

VOZES DE CRIANÇA - João não quer ser soldado
Porque está muito assustado.
Se ouve tiro de canhão
Vai prá baixo do colchão.

(Pela janela se ve o rosto de três crianças) Bú! Bú!

MÃE -(Ergue-se e vai até a janela) Se eu pego vocês, vocês vão me pagar por todas, moléques atrevidos! (Pausa)

OPERÁRIO - Tu ainda jogas baralho, José? Vamos fazer uma partida? (A Mãe senta-se junto a janela. José toma as cartas. Começa o jogo)

OPERÁRIO - Tua ainda trampeias no jogo?

JOSÉ - (Ri) Eu trampeava antes?

OPERÁRIO - Creio que sim. De qualquer maneira é melhor que eu corte. vale tudo, de acôrdo? Na guerra também vale tudo. (A Mãe olha para ele com desconfiança)

JOSÉ - Pecinas cartas!

OPERÁRIO - Obrigado pelo aviso. Ahá! E agora me sae com ás de trunfo! Queres bancar o vivo, hein? Mas vai te custar caro.



FERIDO - Quem sabe!

JOSÉ - Nós sabemos!

FERIDO - Rasgou uma camisa boa, senhora Carrar. Não precisava ter feito isso.

MÃE - Querias que te atasse com que? Com um pedaço de pano?

FERIDO - Não, mas a senhora não tem tanto pano para dar de presente.

MÃE - Enquanto a gente viver tudo se arranja. O outro é que não dava mais.

FERIDO - (Rindo) Então tenho que tomar mais cuidado da próxima vez.

(Ergue-se. Ao operário) Desde que não passem esses cachorros! (Sai)

MÃE - Esse canhoneio!

JOSÉ - E nós aqui, pescando!

MÃE - Devem estar se dar por satisfeitos por ainda terem os braços e as pernas inteiras. (Do lado de fora chega ruídos de caminhão e cantos, que se aproximam e se afastam. O operário e José aproximam-se da janela e observam.)

OPERÁRIO - São as Brigadas Internacionais. Vão para a batalha de Motril.

(Escuta-se o refrão da Brigada Thaelmann "Longe está minha pátria distante")

OPERÁRIO - São os alemães.

(ouve-se uns compassos da "Marselhesa")

OPERÁRIO - Os franceses.

("A Varsoviense")

OPERÁRIO - Os polacos.

("Bandeira vermelha")

OPERÁRIO - Os italianos.

("Hold the fort")

OPERÁRIO - Os americanos.

("Los cuatro generales")

OPERÁRIO - E agora passam os nossos.

(Desaparece o ruído de cantos e caminhões. O operário e José voltam para a mesa.)



OPERÁRIO - Esta noite é decisiva. Agora tenho que ir. Foi a última jogada, José.

MÃE - (Aproximando-se da mesa) Quem é que ganhou?

JOSÉ - (Com orgulho) Ele!

MÃE - Então não te preparo a cama?

OPERÁRIO - Não, tenho que ir. (Permanece entretanto sentado.)

MÃE - Dá lembranças a Rosa. Que não me guarde rancor. Não sabe o que vai acontecer ainda.

JOSÉ - Vou contigo até um pedaço.

OPERÁRIO - Não precisa.

(A Mãe olha pela janela.)

MÃE - Foi pena tu não teres visto o João, também.

OPERÁRIO - Pois é! Será que ele vai voltar muito tarde?

MÃE - (Inquieta) Deve estar longe. Lá por perto do cabo (Volta ao centro da peça) Nós poderíamos ir busca-lo.

(Na porta aparece uma moça)

JOSÉ - Bom dia, Manuela. (Ao operário em voz baixa) É Manuela, amiga de João. Este é o tio Pedro.

MANUELA - Onde está João?

MÃE - João está trabalhando.

MANUELA - Pensei que a senhora tivesse mandado ele brincar de roda no Jardim de Infância.

MÃE - Não, foi pescar. João é pescador.

MANUELA - Por que ele não foi a reunião da escola? Havia outros pescadores também.

MÃE - Ele não perdeu nada lá.

JOSÉ - Que reunião era essa?

MANUELA - Se resolveu que todo aquele que pudesse, viajaria esta noite para o fronte. Mas vocês sabiam muito bem disso. João foi avisado.

JOSÉ - Não pode ser! Nesse caso João não teria ido pescar. Ou quem sabe foi a ti que te avisaram, Mãe?

(A Mãe cala-se e se ocupa somente do forno.)



JOSÉ - Ela não avisou. (À Mãe) Agora eu compreendo porque tu mandaste ele pescar.

OPERÁRIO - Isso não está direito, Tereza.

MÃE - A cada um Deus deu o seu ofício. Meu filho é pescador.

MANUELA - Será que a senhora nos quer por em ridicúlo? Todo o mundo já fica falando quando eu passo. Até me sinto mal quando eu ouço falar em João. Afinal de contas que espécie de gente são vocês?

MÃE - Somos gente pobre.

MANUELA - O governo ordenou que todos os homens válidos tomem as armas. Não me diga que não leu.

MÃE - Li. Governo daqui; governo da lá. Querem é nos levar ao matadouro. Mas isso não é razão para que eu, voluntariamente, meta os meus filhos numa carreta e entregue ao matadouro.

MANUELA - Não, a senhora esperará até que os encostem numa parede. Nunca ouvi na minha vida semelhante asneira. Gente como a senhora é que tem a culpa de nós termos chegado a essa situação e que o porco desse Llano se dê o luxo de falar com fala.

MÃE - (Fracamente) Não consente que se fale assim na minha casa.

MANUELA - (Fora de si) Talvez já esteja do lado dos Generais.

JOSÉ - (Impaciente) Não! Ela não quer é que nós vá combater.

OPERÁRIO - Permanecerem neutros, é isso?

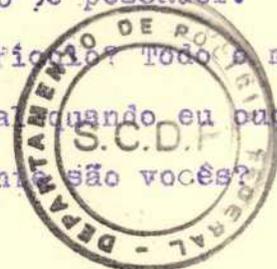
MÃE - Bem sei que querem ver minha casa convertida num foco de conspiradores. Enquanto não verem João encostado numa parede não descansam.

MANUELA - E nós que achavamos que a senhora tinha ajudado o seu marido quando foi a Oviedo!

MÃE - (Em voz baixa) Cala a boca! Eu não ajudei o meu marido! Para fazer isso, nunca! Sei que me culpam de tudo, mas tudo é mentira, tudo! Nada mais que mentira suja! Quem quiser pode comprovar.

MANUELA - Eu não lhe estou culpando, senhora Garrar. Todos nós lhe tratamos sempre com o maior respeito. Todos nós sabemos que Carlos Garrar foi um herói. Mas que teve que sair de sua casa escondido, agora é que eu estou sabendo.

JOSÉ - Meu pai não saiu de casa escondido, Manuela!



MÃE - Fica quieto, José.

MANUELA - Diga a seu filho que não tenho mais nada com ele. E também não precisa se esquivar de mim quando me ver que eu não vou lhe perguntar porque é que ainda não está no lugar onde deveria estar. (Sai)

OPERÁRIO - Não deverias ter deixado que saísse desse jeito. Não agiste bem, Tereza. M

MÃE - Sou como sempre fui. Garanto que apostaram que levavam o João para o fonte. De qualquer maneira agora vou chamar ele. Ou melhor, chama tu, José. Não, espera, vou eu mesma. Volto enseguida. (Sai)

OPERÁRIO - Me diz uma coisa, José, tu não és mais criança e eu não preciso te explicar tudo por miúdo. Onde é que estão?

JOSÉ - O que?

OPERÁRIO - Os fuzis.

JOSÉ - De meu pai?

OPERÁRIO - Devem estar aqui. Não é possível que ele tenha tomado o trem com tudo aquilo quando foi a Oviedo.

JOSÉ - Vieste para levar os fuzis?

OPERÁRIO - E porque mais?

JOSÉ - Ela não vai te dar. Ela até escondeu.

OPERÁRIO - Onde?

(José mostra um canto. O operário se levanta e vai até o lugar assinalado, quando se ouvem passos.)

OPERÁRIO - (Volta a sentar-se e faz um sinal a José pedindo silêncio) Psiu! (A mãe entra com o padre do povoado. É um homem alto e forte, com batina surrada.)

PADRE - Boa noite, José (ao operário) Boa noite.

MÃE - O meu irmão, padre. É de Motril.

PADRE - Muito prazer. (À Mãe) Quero lhe pedir desculpas porque venho de novo lhe incomodar. A senhora não poderia amanhã de manhã dar uma olhada na casa dos Turillos? As crianças ficaram sozinhas agora porque a mãe foi para o fronte com o marido.

MÃE - Com todo o prazer.

PADRE- (Oao operário) Como é que o senhor está aqui? Ouvi dizer que as comunicações com Motril estão praticamente interrompidas.
OPERÁRIO- Aqui ainda continua tudo calmo, não?

PADRE- O que é que o senhor dizia? Ah, sim!

MÃE - Pedro, o senhor padre te fez uma pergunta. Como é que tu estás aqui?

OPERÁRIO - Me lembrei de visitar minha irmã.

PADRE - (Olhando a mãe, persuasivo) Foi uma boa idéia. Vai ver por si mesmo que a vida que ela leva aqui não é nada ~~xxx~~ fácil.

OPERÁRIO - Espero que ela seja uma boa paroquiana.

MÃE - Aceite um copo de vinho. O senhor padre se enwarrega das crianças que tem os pais no fronte. Deve ter passado o dia todo com êles, não?

(Alcnaça-lhe o copo de vinho.)

PADRE - (Senta-se e toma o copo de vinho) Eu só queria saber onde vou encontrar outro par de sapatos.

(Nêsse instante ouve-se novamente o rádio dos Perez. A mãe vai fechar a janela)

PADRE- Não se incomode senhora Carrar. Êles me viram entrar. Implicam comigo porque não pego em armas. Porisso, sempre que êles podem põe êsses discursos para me provocar.

OPERÁRIO - E isso lhe incomoda?

PADRE - Para lhe falar a verdade, sim. Mas pode deixar aberta a janêla.

Voz do General... "mas nós conhecemos essas malditas mentiras com que êstes senhores pretendem enxovalhar a causa nacional. Nos não pagamos ao bispo de Canturburi tão bem como pagam os vermelhos, mas, em compensação, podemos recordar-lhes os 10 mil padres que seus distintos amigos cortaram o pescoço. Que êstes senhores me permita dizer - e que me perdoe se não faço acompanhar minhas palavras de um cheque - que o exercito nacional, em sua marcha vitoriosa, tem encontrado, isto sim, bombas e depósitos de fuisis em quantidade, mas nunca um padre com vida."

(O operário oferece cigarros ao padre. Sorrindo o padre tira um, embora não seja um fumante)

Voz do General - "E é melhor que a nossa justa causa saiba vencer sem ne-



Voz do General -... "É melhor que a nossa justa causa saiba vencer sem necessidade do auxílio dos senhores bispos. Enquanto se puder contar com bons aviões e com homens como o general Franco, o general Mola..."

(A transmissão é interrompida bruscamente)

PADRE - Bonachão) Graças a Deus, nem os próprios Perez sabem suportar mais do que tres frases. Não acredito que tenha alguém que possa gostar de semelhantes discursos.

OPERÁRIO - É mas dizem que o próprio Vaticano é quem espalha essas mentiras

PADRE - Isso eu não sei. (Magoado) O que eu sei é que não é função da Igreja pintar as coisas como elas não são.

OPERÁRIO - (Olhando para José, intencional) Claro que não.

MÃE - (Apressada) Meu irmão é combatente da milícia, senhor padre.

PADRE - De que setor o senhor veio?

OPERÁRIO - De Málaga .

PADRE - Lá está pavoroso, não? (O Operário fuma em silencio.)

MÃE - Meu irmão não me julga uma boa espanhola. Acha que devia deixar que o João fosse para o fronte.

a JOSÉ - E eu também. Lá é que é nosso lugar.

PADRE - A senhora sabe senhora Carrar que eu julgo a sua atitude, perfeitamente justificável. Em muitas cidades, o baixo clero apóia o governo legal. Das 18 dioceses de Bilbao, 17 de declararam a favor do govêrno. Muitos de meus colégas estão no fronte, alguns até já morreram. Quanto a mim, não sou como se diz um combatente. Deus não me deu o poder de chamar meus paroquianos para combater contra (procura a palavra) uma causa qualquer. Para mim vale a palavra do Senhor: " Não matarás! Não sou homem rico. Não possuo mosteiro e reparto o pouco que tenho com meus paroquianos. Isso é provavelmente a única coisa que pode dar alguma valor às minhas palavras..."

OPERÁRIO - Claro. Mas a questão está em saber se o senhor não é de fato um combatente. Quero que me compreenda. Por exemplo: Se estão por matar um homem e este homem quer se defender e se o

Se estão por matar um homem e este homem quer se defender e se o senhor detem o braço desse homem com essas palavras: "Não matarás" deixando que o degolem como um cordeiro, na minha opinião também o senhor está participando nessa luta. O senhor vai me desculpar se digo francamente o que penso.

PADRE - Enquanto isso eu participo da fome.

OPERÁRIO - E como acha que vamos recuperar esse pão nosso de cada dia que o senhor pede a Deus em orações?

PADRE - Não sei, só posso rezar.

OPERÁRIO - Então lhe interessa saber que ontem a noite Deus fez voltar a trás os os navios de provisões.

JOSÉ - É verdade? Mãe, os barcos tiveram que voltar!

OPERÁRIO - Sim, isso é que é a neutralidade... (Repentinamente) O senhor também é neutro?

PADRE - Que é que o senhor entende por neutro?

OPERÁRIO - Bem... ser a favor da "não intervenção". Se o senhor é a favor da não intervenção, no fundo também aprova cada banho de sangue que os senhores generais dão no povo espanhol.

PADRE - (Levantando as mãos a altura da cabeça em sinal de protesto) Não, não aprovo.

OPERÁRIO - (Com os olhos semicerrados) Fique um momento assim com as mãos levantadas. Foi nessa posição que saíram cinco mil dos nossos de suas casas cercadas, em Badajoz. E nessa posição foram fuzilados.

MÃE - Como podes falar assim, Pedro?

OPERÁRIO - É que acabo de comprovar que a posição que tomamos as desaprovamos alguma coisa é exatamente igual a posição que assumimos na hora de capturar, Tereza. Já li, não me lembro onde, que as pessoas que inocentemente se lavam as mãos, muitas vezes lavam numa bacia cheia de sangue. Se reconhece logo pelas mãos.

MÃE - Pedro!

PADRE - Não se preocupe, senhora Carrar, em tempos como este, os animos



PADRE - Não se preocupe, senhora Carrar, em tempos como este os animos andam inflamados. Todos nós voltaremos a raciocinar com mais calma, quando tudo tenha passado.

OPERÁRIO - O senhor acredita que devemos ser varridos da face da terra porque somos um povo perverso?

PADRE - Quem disse isso?

OPERÁRIO - O "general do microfone". Não ouviu agora mesmo? O senhor escuta o rádio muito pouco.

PADRE - (Em tom depreciativo) Oh! o general...

OPERÁRIO - Não diga, "oh! o general!". O general contratou toda a rufagem da Espanha nos varrer da face da terra, sem contar os mouros, os italianos e os alemães.

MÃE - É vergonhoso que tenham ido buscar gente para combater por dinheiro.

PADRE - O senhor não considera que no outro lado também pode haver gente sinceramente convencida?

OPERÁRIO - Não compreendo de que podem estar convencidos. (PAUSA)

PADRE - (Olha o relógio) Ainda tenho que passar na casa do Turillo.

OPERÁRIO - O senhor acredita que houve fraude na eleição das Côrtes, onde o Governo obteve uma esmagadora maioria?

PADRE - Não, não acredito.

OPERÁRIO - Há pouco, quando falei do homem que queria se defender e outro lhe segurava o braço, eu quis dizer literalmente isso porque na realidade não nos sobra mais nada do que nossos braços vazios.

MÃE - (Interrompendo) Não começa de novo. Isso não tem sentido.

PADRE - O homem nasceu com os braços vazios, todos nós sabemos O Criador não o fez sair do ventre materno com a mão armada. Conheço a doutrina que atribui toda a miséria do mundo ao fato de que o pescador e o operário, - o senhor é operário, me parece - só contam com os braços vazios para procurar o



sustento. Mas em nenhum lugar das Escrituras consta que este mundo é perfeito ; ao contrário, é cheio de misérias, de pecado e de opressão. Bendito, pois o que foi enviado para sofrer neste mundo com o braço desarmado, não poderá deixá-lo ao menos sem armas na mão.

OPERARIO - Bem falado. Não quero dizer nada contra palavras que soam tão bonitas. Gostaria que elas pudessem impressionar o general Franco. O mal é que o General Franco, armado até os dentes como está, não tem o mínimo desejo de abandonar a terra. Se ele se decidisse a isso, deporíamos todas as armas na mesma hora. Seus aviadores lançaram um manifesto hoje em Motril. Tenho um aqui comigo. (Tira o manifesto do bolso. Todos olham.)

JOSÉ - Viste. Aqui também eles dizem que destruirão tudo.

MÃE - (Lendo) Mas isso eles não podem fazer. ~~OPERARIO -~~

OPERARIO - Claro que podem. Qual é a sua opinião, Padre?

PADRE - (Indeciso) Creio que tecnicamente talvez possam fazer isso. Mas se eu entendi bem o que disse a senhora Carrar, ela pensa que não se trata só de aviões. Com esse manifesto querem intimidar, para fazer o povo compreender a gravidade da situação; agora, quanto a levar a cabo semelhante ~~uma~~ ameaça por razões militares, já é outra coisa.

OPERARIO - Não compreendi muito bem o que o senhor quer dizer.

JOSÉ - Eu também não.

PADRE - (Mais indeciso ainda) Acho que falei bem claro.

OPERARIO - As palavras são claras, o significado delas é que não pareceu claro, nem ao José, nem a mim. O senhor pensa que não vão nos bombardear?

(Pequena pausa)

PADRE - Penso que é só uma ameaça.

OPERARIO - Que não levarão a cabo.

PADRE - Não.

MÃE - Pelo que vejo querem evitar derramamento de sangue e nos aconselham a não ir contra eles.



JOSE - Os generais, evitar derramamento de sangue?!

MÃE - (Mostrando o manifesto) Mas diz aqui: "Quem depuser as armas se salvará"

OPERARIO - Então quero lhe fazer outra pergunta, padre. O senhor acredita que quem abandonar as suas armas não será fuzilado?

PADRE - (Olha em torno, em busca de auxilio) Significa que o general Franco continua professando sua fé cristã.

OPERARIO - Significa que manterá a sua promessa?

PADRE - (Violento) Terá que manter, senhor Jaqueras!

MÃE - Quem não combater não sofrerá nada.

OPERARIO - Padre... (Desculpando-se) não sei qual é o seu nome...

PADRE - Francisco.

OPERARIO - Padre Francisco, eu não queria perguntar o que, na sua opinião, deve fazer o general Franco, mas sim o que fará. Entende minha pergunta?

PADRE - Sim.

OPERARIO - O senhor compreenda que essa pergunta eu faço ao cristão, ou se preferir, ao homem que não possui um mosteiro, conforme suas próprias palavras e que dirá a verdade quando estiver em jogo um assunto de vida ou morte, porque do que se trata é justamente disso, não é mesmo?

PADRE - (Extremamente inquieto) Entendo.

OPERARIO - Talvez a pergunta fique um pouco mais fácil se o senhor estiver lembrado do que aconteceu em Málaga.

PADRE - Sim. Mas tem certeza que em Málaga não houve resistência?

OPERARIO - O senhor sabe que 50 mil fugitivos, homens, mulheres e crianças, quando se encontravam a 200 quilômetros de Almeria foram exterminados pelos canhões dos navios e pelas bombas e as metralhadoras dos aviões de Franco.

PADRE - Isso pode ser uma notícia inventada.

OPERARIO - Como aquela dos padres fuzilados?

PADRE - Como a dos padres fuzilados.

OPERARIO - Então não foram assassinados? (O padre se cala)



OPERÁRIO - A senhora Carrar e seus filhos não levantam a mão contra o general Franco. Neste caso, a senhora Carrar e seus filhos estarão salvos?

PADRE - Segundo o procedimento humano...

OPERÁRIO - Segundo o procedimento humano?

PADRE - (Agitado) O senhor não vai querer que eu garanta tal coisa!

OPERÁRIO - Não. O senhor só deve dar a sua opinião. A senhora Carrar e seus filhos e seus filhos estão seguros? (O Padre se cala)

OPERÁRIO - Acho que compreendemos sua resposta. O senhor é um homem honesto.

PADRE - (Levantando-se, confundido) Então, senhora Carrar, posso contar com a senhora para visitar as crianças dos Turillos?

MÃE - Também confundida e inquieta) Vou levar também comida para eles. Muito obrigada pela sua visita.

(O Padre sai despedindo-se de todos com uma inclinação de cabeça. A mãe o acompanha.)

JOSÉ - Agora viste o que eles vivem repetindo para ela. Mas tu não vai voltar sem os fuzis.

OPERÁRIO - Onde é que estão. Rápido!

(Vão até o fundo, afastam um caixão e abrem um alçapão no assoalho.)

JOSÉ - Mas ela vai voltar enseguida.

OPERÁRIO - Vamos deixar os fuzis do lado de fora da janela. Depois eu retiro de lá.

(Pegam rapidamente os fuzis. Cai uma pequena bandeira rasgada, que estava enrolando os fuzis)

JOSÉ - Ainda está aqui a velha bandeira! Não compreendo como pudeste ficar sentado com a maior calma no meio dessa correria toda que há.

(Experimentam os fuzis. José de repente tira do bolso um barrete de miliciano e o põe na cabeça com ar de triunfo.)

OPERÁRIO - De onde tiraste?

JOSÉ - Fiz uma troca.



(Com um olhar até a porta, volta a guardar o barrete no bolso)

MÃE - (Entrando) Deixa os fuzis! Foi para isto então que vieste?

OPERARIO - Sim, nós precisamos deles, Tereza. Não podemos enfrentar os generais com as mãos vazias.

JOSÉ - Depois do que disse o padre, tu já sabes como é que está a situação.

MÃE - Se vieste aqui só por causa dos fuzis estás perdendo o teu tempo. E se tu inciste em não me deixar em paz na minha casa, eu vou embora com os meus filhos e te deixo aqui.

OPERARIO - Tereza, já viste o mapa de nosso país? Nós estamos vivendo em cima de um prato rachado. Debaixo da rachadura está o mar e na borda do prato estão os canhões apontando. Por cima de nós os bombardeiros. A menos que tu stires contra os canhões, por onde tu vais sair?

(Ela se aproxima, retoma os fuzis e os carrega nos braços)

MÃE - Tu não podes levar estes fuzis, Pedro.

JOSÉ - Mas tu tens que entregar, mãe. Aqui eles vão acabar se enferrujando.

MÃE - Cala a boca! Que entende tu?!

(O Operário se levanta novamente e acende um cigarro)

OPERARIO - Tereza, tu não tens o direito de negar os fuzis de Carlos.

MÃE - (Enrolando os fuzis) Com direito ou sem direito eu não vou te dar. Vocês não podem levantar o assoalho da minha casa e levar o que vocês quiserem contra a minha vontade.

OPERARIO - Além de não te pertencerem, eles não te fazem falta. Não quero dizer na frente de teu filho o que eu penso de ti e nem quero falar no que pensaria teu marido. Ele foi um combatente. Compreendo que tenhas perdido a razão por medo de perder os teus filhos. Mas infelizmente nós não podemos levar isso em consideração.

MÃE - O que tu queres dizer com isso?

OPERARIO - Quero dizer que não saio daqui sem os fuzis. Disso tu pode ter certeza.

MÃE - Então t

MÃE - Então tu vai ter que me matar.

OPERÁRIO - Não vou fazer isso, não sou o general Franco. Vou falar com o João que ele me entrega. MÃE -

MÃE - (Rapidamente) João não vai voltar.

OPERÁRIO - Mas foi tu mesma que chamaste.

MÃE - Eu não chamei. Não quero que ele te veja.

OPERÁRIO - Já estava imaginando. Mas eu posso chamar. Vou até a praia e chamar. Não precisa mais do que uma frase, Eu conheço o João, Tereza. Ele não é um covarde, tu não vai poder sujeitar.

MÃE - (Serena) Deixa os meus filhos em paz! Já disse para eles que eu me enforcaria se eles saírem. Sei que é um pecado perante Deus e que vou sofrer a condenação eterna. Mas eu não posso fazer outra coisa. Quando Carlos morreu daquela manobra recorri ao padre e se não fosse isso eu teria me matado. Sei que eu também tenho culpa embora o Carlos fosse o pior deles com o seu gênio impulsivo e violento. Mas o fuzil não resolve nada, pelo contrário. Isso eu compreendi quando traxeram ele de volta e largaram aqui no ascalho. Eu não estou a favor dos generais e é uma vergonha pensarem isso de mim. Mas se eu conseguir me manter sossegada no meu canto talvez que todos nós nos salvemos. É o que eu calculo e é muito pouco o que peço. Não quero saber mais desta bandeira, já somos bastante desgraçados. (Camizha em silêncio até a bandeira e a rasga. Em seguida recolhe com rapidez os pedaços e os guarda no bolso.)

OPERÁRIO - Seria preferível que tu tivessees te enforcado, Tereza).

(Batem na porta. Entra a Senhora Perez, uma velha vestida de preto).

JOSÉ - (Ao tio) A senhora Perez.

OPERÁRIO - Que tipo de gente é?

JOSÉ - Gente boa. São os do rádio. Há uma semana perderam a filha no fronte.



SENHORA PEREZ - Esperei até que o padre se fôsse. Queria vir um momento para nos desculpar. Nós não achamos justo que lhe ataquem só por uma coisa de outra maneira.

(A mãe se cala. Levanta-se e vai sentar-se com sua rêde sobre o chão onde se encontram os fuzis, dando lugar à senhora Perez.)

SENHORA PEREZ - A senhora está preocupada pelos seus filhos, senhora Carrar. Ninguém pensa no quanto é difícil criar os filhos nêstes últimos tempos de agora. Eu hei de beta no mundo. (Volta-se ao operário a quem não fora apresentada) Agora já são aliada menos depois que Inês morreu. Dois não chegaram aos cinco anos, eram os anos de fome de 98 e 99. De André tive notícias, a última vez que escrevia estava no Rio, na América do Sul. Mariana vive em Madri, vive se queixando. Ela nunca foi mesmo muito forte. Aos velhos como nós, tudo que resta depois sempre nos parece fraco.

MÃE - Mas ainda tem Fernando.

SENHORA PEREZ - Sim.

MÃE - (Confessa) Desculpe, não tive a intenção de lhe ferir.

SENHORA PEREZ - Não tem porque se desculpar. Sei que não foi para me ofender.

JOSÉ - (Ao tio, em voz baixa) Esse está com Franco.

SENHORA PEREZ - (Mesmo tom) Nós já falamos em Fernando. (Depois de pequena pausa) Ninguém poderá nós compreender se não souber o que significa para nós a morte de Inês.

MÃE - Todos nós queríamos muito a Inês. (Ao irmão) Foi quem ensinou João a ler.

JOSÉ - A mãe também.

SENHORA PEREZ - Muitos acreditam que a senhora está com os do outro lado. Mas eu sempre estou desmentindo. Todos nós sabemos qual a diferença entre o rico e o pobre.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MÃE - Não quero que meus filhos sejam soldados. Não nasceram para ser carne de canhão.

SENHORA PEREZ - A senhora sabe, senhora Carrar o que digo. Para os pobres não existe seguro de vida. Sempre acaba de uma maneira ou de outra. A quem é pobre, senhora Carrar, cada vale a prudência. A rainha Inês sempre foi a mais tímida de todos. Se souber que custou ao meu marido lhe ensinar a nadar!

MÃE - Acho que ainda podia estar viva.

SENHORA PEREZ - Como?

MÃE - Porque que a sua filha que era professora precisou pegar um fuzil e sair a combater os generais?

OPERÁRIO - Que estavam financiados pelo santo Padre!

SENHORA PEREZ - Ela dizia que queria seguir sendo professora.

MÃE - E não podia seguir em Málaga na sua escola? Que generais nem generais!

SENHORA PEREZ - Nós falamos nisso para ela. Seu pai deixou de fumar sete anos e os seus irmãos não tiveram uma gota de leite em todo esse tempo para que ela pudesse sair professora. E ela respondia que depois disso tudo não poderia ensinar que dois mais dois são quatro e que o general Franco era um enviado de Deus.

MÃE - Se o João me viesse dizer que no governo dos generais não poderia mais continuar pescando eu diria então que ele estava louco. Por acaso os capitalistas vão deixar de nos arrancar o couro quando não existirem mais generais?

OPERÁRIO - Creio que seria bem mais difícil para eles se nós tivéssemos fuzis.

MÃE - De novo os fuzis? Será que tem que se continuar sempre matando?

OPERÁRIO - Ninguém disse isso. Se os tubarões te atacarem quem é que está empregando a violência? É tu? Fomos nós que fomos até Madri ou foi o general Moia que atravessou as montanhas para nos atacar? Por dois anos tivemos um pouco de luz, não mais que um fulgor de crepúsculo, é certo, mas agora querem

nos mergulhar de nôvo no meio da noite. E não é só isso. As profêssoras não só não vão poder ensinar mais que dois mais dois são quatro como também serão exterminadas se insistirem nisso. Não ouviste dizer que esta noite nos varerão da face da terra?

MÃE - Sômente os pegaram em armas. Não me caíam todos em cima. Eu não posso lutar contra vocês todos. Meus filhos já me olham como se eu fosse da polícia. Se a farinha se acaba eles põem uma cara como se eu tivesse a culpa e quando chegam os aviões só faltam me gritar que fui eu que chamei. E o padre por que é que fica quiêto quando devia falar? Me consideram louca só porque eu digo que os generais são homens maus, muito maus, mesmo, mas que não hão de ser como um terremoto que não discute nada. E a senhora porque veio a minha casa me falar dessas coisas? A senhora pensa que eu não entendo o que o que quer dizer? A senhora já perdeu a sua filha e agora me toca a vez dos meus, não é isso o que a senhora quer dizer? Invade a minha casa como um cobrador de impostos mas eu já dei a minha contribuição.

SENHORA PEREZ - (Ergue-se) Senhora Carrar, eu não queria lhe deixar furiosa. Não penso como meu marido que devíamos lhe obrigar a também fazer alguma coisa. Tã hamos uma grande admiração pelo seu marido e eu desejava pedir-lhe desculpas se os meus lhe faltam com o respeito.

(Sai com uma inclinação de cabeça, ao operário e José.) (PAUSA)

MÃE - O pior é que com isso tudo a gente acaba dizendo coisas sem pensar. Eu não tenho nada contra a Inês.

OPERÁRIO - (Furioso) Claro que tu estas contra Inês. Desde o momento em que tu não ajudaste, tu estava contra ela. Ainda vens dizer que não estas a favor dos generais. A verdade é que tu estas, quer queiras, quer não. Se tu não estas a nosso favor, tu estas a favor deles. Ninguém pode ficar neutro, Tereza.

JOSÉ - (Aproxima-se da mãe) Vamos mãe, de qualquer maneira é inútil.

(Acooperário) Agora se sentou em cima do caixão para não deixar tirar os fuzis. Por que tu não entrega, mãe?

MÃE - Sai daqui, fedelho!

JOSÉ - Eu quero ir com o tio Pedro. Não vou esperar que nos matem como porco no chiqueiro. Tu não pode me proibir do mesmo jeito que tu me proibiste de fumar. Felipe, que não sabe nem atirar uma pedra direito já está no fronte. E André que tem um ano menos que eu já foi até ferido. Não vou deixar que o povo todo me chame de covarde.

MÃE - Sim, eu sei. O Paolino esfurca sua toapeira a um cambaboneiro para que levasse êle ao fronte. É ridículo!

OPERÁRIO - Não tem nada de ridículo!

JOSÉ - Diz ao Ernesto Turillo que pode ficar com a minha barquinha. Vamos, tio Pedro. (Faz menção de ir-se.)

MÃE - Tu não vai!

JOSÉ - Vou, sim. Tu podes dizer que precisas de João, mas eu não te faço falta.

MÃE - Se eu retenho o João não é porque eu quero que êle fique pescando para mim. E a ti não te deixo ir (Corre até êle e o abraça) Podes fumar se quiseres, podes ir pescar sozinho que eu não te digo mais nada. Podes ir com a barca de papai.

JOSÉ - Me solta!

MÃE - Não, tu vai ficar aqui!

JOSÉ - (Desvencilhando-se dela com força) Não, eu vou. Ligeiro pega os fuzis tio Pedro!

MÃE - Ai! (Solta o filho e se afasta mancando)

JOSÉ - Que é que tu tens?

MÃE - Que te importa o que eu tenho, vai embora!

JOSÉ - (Desconfiado)

MÃE - (Massageando o pé) Não, vai te embora!

OPERÁRIO - Não queres que eu te ajude? Pode ter destroncado...

MÃE - (Interrompendo) Não, tu não tinhas que ir embora? Sai de minha casa!

Conseguiste fazer com que os meus filhos se botassem ~~em~~ ^{em} mim

JOSÉ - (Furioso) Agora resulta que eu me botei nela! (Falido de raiva vai até o fundo)

MÃE - Tu ainda vai acabar um criminoso. Porque não me tiras também o último pedaço de pão do forno? Pode me atar com uma corda na cadeira. Vocês são dois, não é?

OPERÁRIO - Não complica mais as coisas, por favor.

MÃE - João também, está com a cabeça virada, mas seria capaz de agredir a sua mãe. Ele vai te fazer pagar bem caro quando souber!

(Levanta-se de repente e vai até a janela, esquecendo-se de mancar. José aponta indignado para os pés dela.)

JOSÉ - O pé sarou de repente!

MÃE - (Caindo em si) - Faz troça de mim também! (Olha pela janela. Depois repentinamente) Não vejo a lâmpada do barco de João!

JOSÉ - (Resmungando) Ora, vais querer que tenha desaparecido?

MÃE - Desapareceu de verdade!

(José vai até a janela, olha e diz com voz estranha ao tio)

JOSÉ - Desapareceu mesmo. A última vez que eu vi estava lá perto do cabo. Vou até a praia. (Sai rapidamente)

OPERÁRIO - Deve estar voltando.

MÃE - Teria de se ver a lâmpada do mesmo jeito.





OPERÁRIO - Mas o que pode ter acontecido?

MÃE - Eu sei o que aconteceu. Ela foi até lá com o bote.

OPERÁRIO - Quem, aquela môça? Não.

MÃE - Mas claro, foram atrás dêle! (cada vez mais agitada) Foi tudo planejado por êles! Todo o tempo ficaram mandando gente aqui, um atrás do outro, para me distrairem. São todos assassinos!

OPERÁRIO - (Um pouco com brincadeira, um pouco com raiva) Pelo menos o padre não foram êles que mandaram.

MÃE - Não vão descansar enquanto não nos mandarem todos para a guerra.

OPERÁRIO - Não vais me dizer que tu está pensando que êle foi para o fronte.

MÃE - São uns assassinos! E João não é melhor do que êles. Fugiu de noite! Eu não quero ver mais êle, nunca mais.

OPERÁRIO - Não consigo te compreender, Tereza. Não vê que tu causa mais dano prá êle não deixando êle combaeter. Êle não vai te agradecer por isso.

MÃE - (Alheiamente) Se não deixei ~~êle combaeter~~, que êle fosse combater, não foi por mim.

OPERÁRIO - Não combater por nos, Tereza, não significa não combater. Significa combater pelos generais.

MÃE - Se êle fez isso, se entrou na milícia, então eu o amaldiço-o. Que seja ferido pelas bombas dos avioês, que seja esmagado pelos tanques. Assim êle vai se dar conta que não pode se fazer pouco de Deus e que um pobre não pode fazer nada contra os generais. Eu não botei êle no mundo para que fôsse destruir seus semelhantes, sentado atrás de uma metralhadora. Se no mundo há injustiça, eu não lhe ensinei a participar dela. Se êle voltar eu não lhe abra a porta, nem que tenha vencido os generais.. De trás da porta eu vou dizer que na minha casa não entram quem estiver com as mãos sujas dex sangue. Para mim estará perdido como um pé que grangrenou e se precisa amputar. Isso eu faço. Já perdi um, êle também pensava ter sorte. Mas nós não temos sorte. Talvez ainda

cheguem a entender antes que os generais acabem com todos nós. Quem com ferro fere com ferro será ferido.

(Diante da porta se ouve vozes. A seguir essa se abre e entram as mulheres, as mãos cruzadas sobre o peito e rezando a Ave-Maria. Jogam-se contra a parede e dois pescadores entram carregando o corpo de João sobre uma vela ensanguentada. Segue-os, José, brnaco como um cadaver. Traz nos ombros a boina do irmão. Os pescadores largam o morto no assoalho. Um deles carrega a lâmpada de João. Enquanto isso a mãe permanece sentada e rígida e as mulheres rezam em voz alta, os pescadores explicam ao operário, em voz baixa, o que aconteceu.



1º PESCADOR - Foi das lanchas armadas de metralhadora. Quando passaram, atraram nêle.

MÃE - Não pode ser! É um erro! Ele tinha ido pescar!

(Os pescadores emudecem. A Mãe cai ao solo. O operário a ergue.

OPERÁRIO - Não deve ter sentido nada.

(A Mãe se ajoelha junto ao morto)

MÃE - João!

(Ouve-se por algum tempo o murmúrio das mulheres e o ruído dos canhões ao longe)

MÃE - Podem botar êle em cima do ba?

(O operário e os pescadores põem o corpo sobre o baú. A vela continua no chão. A reza das mulheres se torna mais clara e mais forte. A mãe toma da mão de José e com êle se dirige até o morto.

OPERÁRIO - (Aos pescadores) Estava sozinho? Não tinha saído nenhum outro barco?

1º PESCADOR - Não. Mas êle estava na praia. (indicada o outro pescador)

2º PESCADOR - Nem lhe perguntaram nada. Meteram os refletores em cima dêle e só vi quando sua lâmpada caiu dentro do barco.

OPERÁRIO - Mas deviam ter visto que êle só estava pescando.

2º PESCADOR - Mas é claro. Tinham que ter visto.

OPERÁRIO - E êle não gritou nada?

2º PESCADOR - Acho que não, senão teria ouvido.

(A mãe se aproxima com a boina de João)

MÃE - (Calma) A culpa é da boina.

1º PESCADOR - Por que?

MÃE - Está espuída. Um rico não usa uma coisa dessas.

1º PESCADOR - Mas não é possível que disparem sobre todos os trazem uma boina espuída na cabeça!

- Claro que sim. Não são homens. São lepra e devem ser queimados como . (As mulheres rezam amavelmente) Peço que me deixem. Ainda tenho muita coisa que fazer. Meu irmão fica aqui comigo. (As mulheres saem)

1º PESCADOR - Deixamos a barca amarrada.

(Quando ficam sós, a mãe ergue a vela e olha.

MÃE - Eu rasguei a primeira bandeira. Mas me trouxeram outra. (Leva-a até o fundo e cobre com ela o morto, Nesse momento o rugido dos canhões se ouve mais próximo.

JOSÉ - (Estonteado) Que é isso?

OPERÁRIO - (Muito agitado) Conseguiram romper a frente. Tenho que ir em seguida em seguida.

MÃE - (Indo até o forno, com voz forte) Tirem os fuzis! E tu José te prepara. O pão já está pronto.

(Enquanto o operário toma os fuzis, ela olha o pão, tira-o do forno, enrola-o num lenço e se aproxima dos dois. Pega um fuzil.)

JOSÉ - Tu vai também?

MÃE - Vou. Pelo João.

Caminharam até a porta.

